

Transformando o Olhar do Jornalismo Sobre o Semiárido: Estratégias Acadêmicas no Sertão do Piauí¹

Lana Krisna de Carvalho MORAIS²
Universidade Estadual do Piauí – UESPI³
Universidade Federal do Pernambuco – UFPE
Universidade Federal do Ceará – UFC

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar o papel da universidade na formação acadêmica de estudantes de Jornalismo no sertão do Piauí, especificamente em relação à sua percepção e compreensão do semiárido. Problema: como a universidade pode alterar o olhar do Jornalismo sobre o semiárido? Fez uso da observação participante, pesquisa bibliográfica e documental, com a análise de relatórios produzidos por discentes da UESPI de Picos em 2023. Foi possível identificar que as representações sobre o semiárido surgem no ambiente de formação, familiar e com a contribuição da imprensa. Transformar a formação dos jornalistas contribui para nova percepção do semiárido.

PALAVRAS-CHAVE: semiárido; jornalismo; universidade; representação; seca.

INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro é um espaço complexo, marcado pela contradição entre a riqueza do território e pobreza de parte da população. É um dos mais chuvosos do planeta, ainda assim, é facilmente representado pela imagem de seca, por conta dos desafios hídricos que enfrenta. Sua delimitação leva em conta três critérios: aridez do solo, índice pluviométrico e de evapotranspiração, logo, tem passado por alterações cartográficas ao longo dos anos, a mais recentes em janeiro de 2024, quando passou de 1.427 para 1.477 municípios, com a reinserção provisória de 50 cidades excluídas em 2021 (Condell, 2024).

A ausência de conhecimento sobre o semiárido ocasionou prejuízos no campo do desenvolvimento regional com a implantação de práticas produtivas descontextualizadas às características naturais do território, deixando a população cada vez mais vulnerável às condições naturais, além dos impactos socioambientais, como a desertificação dos solos, migração em massa e clientelismo político a partir das práticas assistencialistas que remediavam a pobreza em tempos de secas ou estiagens. No campo das ideias, estabelecendo signos de atraso, miséria, violência, analfabetismo, como

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Semiárido, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Jornalista. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Pernambuco - UFPE. Doutoranda em Desenvolvimento em Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: lanakrisna.lm@gmail.com.

³ Referência ao apoio da UESPI para realização e divulgação desta pesquisa.

consequências das condições naturais do semiárido, além de representações preconceituosas que foram e ainda são reproduzidas como o retrato do sertão nordestino na imprensa, no cinema e na própria concepção da população sobre o seu espaço.

A partir de reflexões sobre o papel da universidade para transformação e desenvolvimento social, o curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí implantou a disciplina “Políticas Públicas Desenvolvidas no Semiárido”, a princípio como disciplina optativa, desde 2024 como parte da matriz obrigatória do curso, tanto para discentes da capital Teresina, quanto de Picos-PI, situada no miolo central do semiárido piauiense e diretamente impactada por todas as questões socioeconômicas relacionadas ao território.

Neste sentido, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar o papel da universidade na formação acadêmica de estudantes de Jornalismo no sertão do Piauí, especificamente em relação à sua percepção e compreensão do semiárido, além dos específicos: compreender como as representações negativas do semiárido são construídas ao longo da formação dos discentes e identificar estratégias acadêmicas para ressignificação do pertencimento ao semiárido. Como problema central: como a universidade pode alterar o olhar do Jornalismo sobre o semiárido?

O caminho metodológico para construção do artigo passa pela pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, a partir da análise de 18 relatórios produzidos pelos discentes da disciplina acima mencionada durante o semestre 2023.1 no campus Professor Barros Araújo, tendo como base os debates em sala de aula entre os dias 17 de agosto de 2023 e 09 de novembro de 2023, a realização de quatro edições do CineSertão (exibição de filmes sobre o Nordeste, seguidas de debates) e visita técnica à comunidade Fornos, localizada na zona rural de Picos-PI, para conhecer as tecnologias contextualizadas aos semiárido e ação das políticas públicas.

QUE SEMIÁRIDO É ESTE?

Muito além dos critérios técnicos, o semiárido também é também um espaço de disputa pela sobrevivência, pela construção das narrativas, território marcado pela dizimação de parte da sua população originária durante o processo de colonização e organização social, bem como pela dispersão do seu povo através da migração em busca de trabalho e melhores oportunidades. Segundo Alencar (2010), ao longo da história foi denominado como Sertão, Nordeste das secas ou ainda Polígono das Secas, em virtude

da insuficiência ou irregularidade das chuvas, além das características do solo, que reduzem o acesso da população aos recursos hídricos em virtude da perenização dos rios e evapotranspiração dos reservatórios de água.

Deste modo, por muito tempo foram construídas narrativas equivocadas sobre o “combate à seca”, expressão em desuso. A seca ainda é pouco compreendida pela população do semiárido – que muito conhece seus efeitos, como a escassez hídrica nas áreas afetadas, prejuízos no campo, insegurança alimentar e a própria miséria – e historicamente ignorada como fenômeno natural por muitos gestores (locais, regionais e nacionais), que não empenham esforços em desenvolver sistemas de gestão das águas com base no monitoramento das secas, fenômeno natural previsível, portanto, com efeitos evitáveis.

As políticas hídricas devem ser planejadas de maneira que permitam a adaptação da população as diversas características quanto à severidade e duração de cada seca, visando implementar estratégias tecnológicas de mitigação dos impactos provocados por esses eventos climáticos (Buriti, Barbosa, 2018, p.20).

Diante da ausência de políticas hídricas que promovam a convivência da população com as secas, os gestores estabelecem narrativas dominantes que atrelam a pobreza da região à irregularidade de chuvas e os problemas hídricos à “vontade divina”, colocam em prática ações remediadoras e assistencialistas de acesso à água, fortalecendo vínculos clientelistas que perpassam pelas relações políticas e de manutenção do poder, andando na contramão do desenvolvimento contextualizado às características do local e deixando a população refém da “benevolência” dos gestores.

Estes problemas são causados pelas políticas que têm sido dirigidas ao Semiárido, e que aumentam a concentração de riquezas nas mãos de poucos, mantendo a maioria da população à margem do desenvolvimento e com seus direitos desrespeitados. (Baptista e Campos, 2013, p. 48).

Para Buriti e Barbosa (2018, p.25), o “Semiárido brasileiro é diverso, heterogêneo e demanda, por assim dizer, soluções específicas a cada um de seus espaços socionaturais, em particular no que diz respeito ao gerenciamento das suas águas”, logo, não se deve pensar em estratégias de convivência generalizadas ou políticas públicas verticalizadas, que não levam em conta a pluralidade deste território, torna-se necessário fazer com que esse diálogo seja interdisciplinar, envolvendo gestores, pesquisadores, instituições e a própria sociedade civil, de forma que todos estejam preparados para conviver e mitigar os efeitos da seca ou das estiagens.

TRANSFORMANDO O OLHAR DO JORNALISMO SOBRE O SEMIÁRIDO

O processo de ressignificação do pertencimento ao semiárido passa pela atuação da imprensa. Para que os jornalistas estejam preparados para essa ressignificação, é preciso que esta mudança ocorra na academia e de forma pessoal, durante as elaborações sobre o próprio espaço. Introduzir esta nova mentalidade significa pensar de forma sustentável, construindo novos paradigmas de convivência, ultrapassando os velhos discursos de combate à seca, reestabelecendo autonomia e protagonismo social da população.

A convivência manifesta uma mudança na percepção da complexidade territorial e possibilita resgatar e construir relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das famílias sertanejas. Esta nova percepção elimina “as culpas” atribuídas às condições naturais e possibilita enxergar o Semiárido com suas características próprias, seus limites e potencialidades (Conti, Pontel, 2013, p. 35).

O processo de ressignificação por parte dos discentes teve início durante as exposições de conceitos, características e dados sobre o semiárido, a disciplina (até então ministrada no sétimo período do curso), gerou reações diversas entre os acadêmicos, como surpresa (mediante acesso às informações que tratam sobre aspectos positivos, riquezas e potencialidades do semiárido, até então desconhecidas); reconhecimento (recobrando memórias e experiências vivenciadas no passado, histórias contadas pelos familiares); reelaboração da visão de lugar inóspito para lugar de possibilidades (conhecendo tecnologias e políticas públicas que estão transformando o semiárido); indignação (diante da compreensão de que os desafios estão ligados ao processo de organização sociopolítica e não especificamente às questões climáticas).

A segunda etapa do processo de ressignificação se deu com o CineSertão e o debate acerca da construção de representações, estabelecimento de signos como violência, miséria, coronelismo, fé messiânica, entre outros, a partir de filmes que retratam o Nordeste, destacando como essas representações se fixam no imaginário popular. Ainda nesta etapa os discentes produziram reportagens sobre riquezas, potencialidades, pessoas e mudanças no semiárido piauiense, todas publicadas no site⁴ e redes sociais da disciplina.

A terceira etapa ocorreu com a produção de documentários e realização de visita técnica à comunidade Fornos, localizada na zona rural de Picos-PI, quando os discentes

⁴ <https://www.jornalistasdosemiarido.com.br/>

conheceram na prática experiências exitosas de transformação a partir de tecnologias e políticas públicas contextualizadas às características do semiárido, entre elas a Casa de Sementes, associação que atua com a preservação e como banco de sementes não modificadas (também conhecidas como sementes crioulas ou sementes da paixão), emprestando e recebendo dos associados a cada período de colheita, estratégia que tem garantido segurança alimentar e fonte de renda para os associados. Também conheceram diversas tecnologias usadas para captação, armazenamento e reaproveitamento das águas, sistemas de preservação do solo, de irrigação, garantindo a permanência de hortas orgânicas, quintais produtivos, safras com financiamento e assessoramento a partir de políticas públicas. Dentre os pontos destacados pelos discentes:

A visita técnica demonstrou como uma comunidade que se dialoga e se relaciona em conjunto, formando uma rede de fortalecimento, tende a garantir uma segurança alimentar das famílias, que produzem o próprio alimento e que também vendem do próprio cultivo para organizações públicas. Fazendo com que a renda seja estável e fixa, como também priorizando uma alimentação saudável (livre de agrotóxicos) com a utilização dos grãos preservados durante gerações (Barbosa, 2023).

Encerramos nossa visita com uma reflexão sobre a importância de apoiar comunidades como a dos Fornos, que busca alternativas sustentáveis para enfrentar as adversidades do semiárido. A resiliência e a determinação dessas pessoas inspiram-nos a repensar nossas abordagens e promover ações que fortaleçam iniciativas comunitárias, contribuindo para um futuro mais próspero e justo (Rocha, 2023).

Aprendemos e estudamos que o semiárido nordestino só precisa que as autoridades comecem a implantar políticas de acordo com a necessidade de cada região, para que as famílias vivam melhor, tenham novas tecnologias (Sousa, 2023).

A disciplina culminou com a exibição dos documentários produzidos na terceira etapa, adotando uma estratégia acadêmica para a reelaboração das representações sociais construídas ao longo da história de cada um dos acadêmicos envolvidos. Além disso, a exibição serviu como uma plataforma para a difusão do conhecimento colaborativo desenvolvido ao longo do semestre letivo. A sessão de exibição foi aberta para todos os discentes do campus, e os produtos audiovisuais foram amplamente divulgados por meio do site e das redes sociais da disciplina, alcançando uma audiência que transcendeu as fronteiras da universidade.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Além da formação específica para cada área de conhecimento, a universidade precisa dialogar com a comunidade, enxergar problemas, buscar soluções para vida da

comunidade que está no seu entorno, precisa conhecer o seu espaço além de representações estabelecidas. Neste sentido, esta pesquisa atinge seu objetivo geral quando contribui para novas percepções do acadêmico de Jornalismo sobre sertão piauiense, sobre o semiárido, com base nas atividades desenvolvidas.

A partir dos debates em sala e durante os filmes, foi possível identificar que representações negativas do semiárido são construídas ao longo da vida dos discentes no ambiente escolar, familiar, com a contribuição da imprensa e do cinema. Entre as principais estratégias, desafiá-los a pensar a comunicação contextualizada com o semiárido, fazendo uso da transversalidade de conhecimentos que a disciplina proporciona, a partir das práticas jornalísticas, produção de reportagens, documentários, exibição de filmes e especialmente da visita técnica, estabelecendo a expectativa de que esta geração de jornalistas chegue ao mercado de trabalho com novo olhar sobre o semiárido.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Tereza de. **Caracterização da Macrorregião do Semiárido Piauiense**. In *Semiárido Piauiense*. INSA. Campina Grande: 2010.

BAPTISTA, Naidison de Quintella; CAMPOS, Carlos Humberto. Caracterização do Semiárido Brasileiro. In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (ORGs.). **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. IABS, Brasília-DF, Brasil: 2013.

BARBOSA, Dessyca. ROCHA, Marília; SOUSA, Elinalva. **Relatório de visita técnica à comunidade Fornos elaborado para o componente curricular Políticas Públicas Desenvolvidas no Semiárido**. Campus Professor Barros Araújo. UESPI, Picos: 2023.

BRASIL. Resolução Condell/Sudene Nº 176, de 03 de janeiro de 2024. **Relatório Conclusivo elaborado pela Equipe Técnica do Comitê Provisório do Conselho Deliberativo da SUDENE**. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-condel/sudene-n-176-de-3-de-janeiro-de-2024-536223462> . Acessado em 20/03/2024.

BURITI, Catarina de Oliveira; BARBOSA, Humberto Alves. **Um século de secas: por que as políticas hídricas não transformaram o semiárido brasileiro?**. Chiado Editora. São Paulo: 2018.

CONTI, Irio Luiz; PONTEL, Evandro. Transição paradigmática na convivência com o Semiárido In: CONTI, Irio Luiz; SCHROEDER, Edni Oscar (ORGs.) **Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social**. IABS, Brasília-DF, Brasil - 2013.